LUMEN ET VIRTUS

Hanok: Aspectos arquitetônicos e culturais da casa tradicional coreana

https://doi.org/10.56238/levv15n39-104

Maria Daniela Donoso
Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Arquitetura e Design da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Especialista em Conforto Ambiental, Eficiência Energética e Tecnologias Construtivas Sustentáveis pela Escola de Arquitetura e Design da UFMG

RESUMO
Este artigo busca uma aproximação com a cultura coreana por meio da descrição e da análise crítica da casa em arquitetura hanok, além de destacar seus aspectos técnicos-construtivos e culturais. Hanok corresponde ao termo que se utiliza para referir construções em estilo tradicional coreano. Estas tiveram suas principais características crucialmente desenvolvidas durante a Dinastia Joseon (1392 - 1897). Em seguida, desenvolve-se uma análise crítica das tipologias projetuais residenciais que compõem esta cultura. A partir destas reflexões, analisa-se também as repercussões destas tradições arquitetônicas e suas contribuições na atualidade desta cultura.

Palavras-chave: Arquitetura Oriental, Arquitetura Doméstica, Tradição, Casas Históricas, Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Hanok consiste no termo que se utiliza para se referir a casa construída no estilo arquitetônico tradicional coreano, entretanto, em um sentido mais amplo, inclui também todos os tipos de arquitetura coreana tradicional, tais como palácios e templos (RESTREPO, 2014). Segundo o Artigo 2 da Lei da Arquitetura, firmado pelo Departamento de Planejamento Arquitetônico do Ministério de Terras, Infraestrutura e Transporte da Coréia do Sul, *hanok* significa um edifício cuja estrutura principal consista em colunas de madeira, que apresente vigas e armações de telhado em estilo coreano e que reflita o estilo tradicional da Coréia (SOUTH KOREA, 2014). Ainda conforme este artigo, o "estilo arquitetônico em *hanok*" corresponde a qualquer edificação que aplica a forma e a estrutura *hanok* simultaneamente, podendo fazer também o uso de materiais e tecnologias modernas (SOUTH KOREA, 2014).

As características arquitetônicas da casa tradicional coreana estão diretamente relacionadas ao Neo-Confucionismo, adotado como ideologia de estado nos primeiros séculos da Dinastia Joseon (KRZYSZTOFIK, 2020). Existente entre os anos de 1392 e 1897, a Dinastia Joseon foi estabelecida na Península Coreana pelo general Yi Seong-gye. Por ter sido fundada com o apoio de acadêmicos neo-confucionistas, a Dinastia Joseon legitimou o neo-confucionismo como sua ideologia oficial (JEON, 2016). Após ser adotada por toda a população coreana em seu cotidiano, a ideologia também passou a influenciar fortemente a concepção e organização das residências (KRZYSZTOFIK, 2020).

Devido a este e a outros fatores culturais, a questão da espacialidade e da experiência na arquitetura coreana é bastante distinta da arquitetura ocidental (KRZYSZTOFIK, 2020). Para o Confucionismo e o Taoísmo, o protagonismo não se faz dado pela razão humana, mas sim pela razão da natureza, situação que se faz profundamente refletida na arquitetura coreana (JUNG, 2019; RESTREPO, 2014).

Além de fatores culturais, aspectos geográficos e climáticos também moldaram o estilo arquitetônico tradicional da Coréia (AHN, 2014). O relevo da Península Coreana se caracteriza por ser predominantemente montanhoso, o que explica uma organização específica para as vilas, com casas distribuídas em diferentes elevações e voltadas para direções diversas (KRZYSZTOFIK, 2020). Já o clima se define como temperado, com as quatro estações bem definidas e com notável diferença climática entre as regiões (AHN, 2014). Essas características deram origem ao desenvolvimento de soluções arquitetônicas bastante específicas, que combinam elementos que atendem as quatro estações do ano (KRZYSZTOFIK, 2020). Um exemplo corresponde ao *ondol* e seus derivados que, de acordo com Jeon (2016), se trata da característica mais marcante que diferencia as casas coreanas daquelas de outros países (AHN, 2014; RESTREPO, 2014).

Criado por volta do século XII, o *ondol* é um sistema de aquecimento de pisos constituído por condutores subterrâneos conectados a um forno e corresponde a uma característica única das casas

tradicionais coreanas, uma vez que não é encontrado em nenhuma arquitetura tradicional de outro país (JEON, 2016). Ainda segundo Jeon (2016), faz-se possível categorizar a história da casa coreana em antes e depois da invenção do *ondol*, uma vez que este sistema desempenhou um significativo papel no *layout* espacial e na formação de unidades das casas coreanas.

Residências em *hanok* se faziam comumente encontradas em cidades sul-coreanas até as décadas de 1960 e 1970. Todavia, estas foram rapidamente substituídas por grandes complexos de apartamentos e fábricas, resultado do súbito processo de industrialização e de expansão urbana que marcou a segunda metade do século XX na Coréia do Sul (CHO, 2021). Especialmente a partir da década de 1980, as políticas de reurbanização das áreas "antigas" de grandes centros urbanos levaram a demolição das tradicionais moradias térreas para darem lugar à edifícios residenciais e comerciais de múltiplos pavimentos (RESTREPO, 2014). Como consequência, a casa *hanok* representa uma pequena porcentagem das construções residenciais atualmente e são relegadas principalmente às áreas rurais devido ao pouco espaço disponível nas grandes cidades (RESTREPO, 2014).

Por outro lado, devido à crescente popularização e valorização da cultura sul-coreana, ao interesse pela sua tradição residencial única e pela procura por um ambiente saudável e ecologicamente correto, a demanda por residências em *hanok* tem ressurgido na Coréia do Sul recentemente, em uma junção do tradicional com a contemporaneidade (KWON; AHN, 2021).

A partir dessas considerações, este artigo tem como objetivo uma aproximação com a cultura tradicional coreana por meio da descrição e da análise crítica das residências em arquitetura *hanok*. Para tanto, buscou-se apresentar alguns valores presentes na cultura coreana como o confucionismo e o taoísmo, que são refletidos no ambiente doméstico, bem como descrever o espaço residencial vernacular coreano, com especial destaque para aquele existente durante a Dinastia Joseon. Ademais, procurou destacar a especial consideração do *hanok* pelo ambiente natural e, assim, são expostos e investigados as variações regionais e os materiais e técnicas utilizados para a concepção desta distinta arquitetura.

2 CONCEITOS FILOSÓFICOS DO *HANOK*

A harmonia e a relação com o meio ambiente fazem-se muito prezadas pela arquitetura tradicional coreana e isso se deve ao fato de que esta apresenta influências taoístas e neo-confucionistas (HAN, 2013). Os ensinamentos de Lao Tze, fundador do taoísmo filosófico, podem ser vistos no processo de construção de algumas obras arquitetônicas, que não consideram a natureza como um obstáculo, mas sim como uma espécie de guia para as construções (RESTREPO, 2014).

O neo-confucionismo enfatiza a ideia de que o homem e a natureza são um só, por isso, segundo esta filosofia, a arquitetura, um produto humano, deve ter uma tecnologia que respeite as leis da natureza (KIM, 1999). Ademais, o neo-confucionismo enfatiza o espírito de modéstia e contenção do

ser humano perante todos os espaços e recursos naturais, o que significa prezar pelo respeito e pela coexistência com a natureza (KIM, 1999). O projeto de uma casa *hanok* deve criar uma relação com o ambiente natural circundante, e desta maneira, a cultura tradicional coreana aplica em sua arquitetura o método *pungsu*, conhecido em chinês como *feng shui* (JEON, 2016).

O *pungsu* ou *feng shui* foi desenvolvido na China há cerca de três mil anos e trazido para a Península Coreana pelos chineses (HAN, 2013). Este complexo corpo de conhecimentos é baseado em um entendimento em que a natureza se faz responsável por ajudar a equilibrar forças energéticas dos ambientes de maneira a garantir boa saúde e prosperidade aos seus habitantes (HAN, 2013). Assim, tal método visa harmonizar estruturas construídas com o ambiente natural (ZLATARITS, 2018). A montanha e os rios são os principais elementos do *pungsu*, uma vez que se considerava que as montanhas são necessárias para a circulação do vento, enquanto os rios representam fonte de água (KIM, 1999).

Conforme a teoria do *pungsu*, a natureza corresponde a um mundo de energia abundante, conhecida como *ki*, que constantemente se move e muda (KIM, 1999). Nesta concepção, o fluxo de *ki* significa o movimento de energia do céu, da terra e dos humanos, algo considerado saudável em um ambiente (HAN, 2013). Construir em um terreno com uma configuração adequada de montanhas e rios era considerado, desta forma, o meio mais propício de se aproveitar a energia da natureza. Julgava-se um local com abundância de *ki* como ideal para o assentamento humano, uma vez que essa energia fluiria para os habitantes (KIM, 1999). Nesse contexto, o *pungsu* norteava o arranjo de uma casa no terreno, bem como determinava seu *layout* ao esclarecer a orientação ideal de cada cômodo para melhor aproveitamento da ventilação natural e da luz solar (ZLATARITS, 2018).

3 ELEMENTOS ESPACIAIS DA CASA COREANA NA DINASTIA JOSEON E SUAS REGIONALIZAÇÕES

As características arquitetônicas do *hanok* estão diretamente relacionadas à ordem social tradicional na Coréia desenvolvida durante a Dinastia Joseon em linha com a ideologia do Estado (KRZYSZTOFIK, 2020). A Dinastia Joseon foi estabelecida em 1392 na Península Coreana pelo general Yi Seong-gye, que mais tarde seria nomeado como Taejo, o primeiro rei de Joseon. Yi Seong-gye recebeu o apoio de acadêmicos oficiais neo-confucionistas para fundar a nova dinastia e assim, Joseon se aderiu a um novo sistema baseado nos ideais neo-confucionistas (CHOI, 2007). Embora o neo-confucionismo tenha sido admitido como ideologia de estado ainda nos anos iniciais da Dinastia Joseon, foi somente nos séculos XV e XVI que a doutrina foi adotada por toda a população coreana em seu cotidiano (JEON, 2016). Tal fato se deve às influências do conteúdo de uma obra intitulada Rituais da Família de Zui Xi (Zhuzi Jiali), escrita pelo filósofo chinês Zhu Xi (JEON, 2016).

A obra de Zhu Xi descreve a conduta adequada dentro da família de acordo com as filosofias do neo-confucionismo, onde as relações humanas e as obrigações dos diferentes estratos da sociedade deveriam ser estritamente definidas (KRZYSZTOFIK, 2020). Rituais familiares foram introduzidos para reforçar e manter o sistema patriarcal da sociedade coreana, onde os clãs desempenhavam um papel fundamental (KRZYSZTOFIK, 2020). A arquitetura residencial também foi influenciada e adaptada para as profundas mudanças na vida social da Coréia (KRZYSZTOFIK, 2020).

Choi (2007) destaca três grandes mudanças que o neo-confucionismo provocou na sociedade coreana na Dinastia Joseon e, por sua vez, nas características das residências construídas neste período. A primeira mudança se trata do desenvolvimento do sistema de família extensa, onde várias gerações descendentes do mesmo patriarca vivem juntas (CHOI, 2007). Neste sistema, a família, e não o indivíduo, emergiu como a unidade básica da sociedade, além de que o relacionamento central, caracterizado pela autoridade, obediência e respeito não se dava entre marido e esposa, mas sim entre pais e filhos (PARK, CHO 1995). Desta maneira, a primogenitura influenciava no arranjo espacial da casa, em que o recinto destinado ao filho mais velho se fazia disposto próximo ao recinto do chefe da família (CHOI, 2007).

A segunda mudança na arquitetura induzida pelo neo-confucionismo destacada por Choi (2007) se refere ao surgimento de pavilhões dedicados aos ancestrais da família nas residências. Esses pavilhões correspondem a ambientes intimamente ligados à filosofia e a cultura confucionista, que tem como preceito a piedade filial, ou seja, a virtude de respeito aos pais e antepassados (ZLATARITS, 2018). Com base no conteúdo da obra Rituais da Família de Zui Xi, o estado incentivou que as residências, tanto da elite, quanto de membros de classes mais baixas tivessem um espaço dedicado à memória e à adoração dos ancestrais da família (KRZYSZTOFIK, 2020).

Choi (2007) ainda destaca que a terceira mudança provocada pelo neo-confucionismo na sociedade coreana se trata da estrita separação entre o feminino e o masculino, o que refletiu profundamente na organização do espaço residencial. A doutrina neo-confucionista enfatizava a diferença entre gêneros, a qual se encontrava enraizada no patriarcalismo (PARK, CHO, 1995). Desta maneira, mulheres ocupavam um status inferior na sociedade, estando elas restritas à esfera privada e sujeitas à autoridade do pai, do marido ou do filho mais velho (ZLATARITS, 2018). No âmbito residencial, mulheres tinham seus quartos separados dos homens ou, no caso de casas de classe alta, existiam edificações diferenciadas para homens e mulheres, junto com suas respectivas dependências (CHOI, 2007)

A estrutura espacial de um *hanok*, fosse ele composto de uma ou várias edificações, correspondia a uma cozinha e a compartimentos baseados no *ondol* e no *maru*, os quais se referem a dois sistemas de piso únicos da arquitetura coreana (SHON, 2011). O *ondol* se trata de um sistema de aquecimento de pisos empregado como solução para o inverno (JEON, 2016). Tradicionalmente neste

sistema, a fumaça quente de uma lareira, localizada na cozinha ou ao ar livre, fluía em condutores sob o piso, o aquecia, e, finalmente, saía por uma chaminé (SHON, 2011). O piso de cômodos com *ondol* se fazia concebido com pedra e argila e coberto com diversas camadas de papel untado com óleo (SHON, 2011).

O piso *ondol* não só trouxe mudanças na composição espacial do cômodo, mas também influenciou as características gerais e espaciais da casa (JEON, 2016). Por exemplo, os cômodos que continham *ondol* e a cozinha geralmente se localizavam próximos, pois, para economizar combustível, um único fogo era utilizado tanto para aquecer o *ondol* quanto para cozinhar para a família (JEON, 2016). Já o *maru* refere-se a um sistema de pisos de tábuas finas de madeira dispostas em uma posição elevada e, geralmente, era utilizado em saguões ou cômodos semiabertos (CHO, 2013). A posição elevada do *maru* permitia a ventilação e o resfriamento do cômodo, por isso se tratava de uma solução de conforto para o verão (ZLATARITS, 2018).

Um diferencial da residência tradicional coreana da Dinastia Joseon em relação às residências ocidentais se trata da questão do uso dos cômodos. O cômodo se faz traduzido como *bang* em coreano. Tanto o cômodo ocidental quanto o *bang* correspondem a espaços unitários da arquitetura, porém existe uma clara distinção entre ambos (JUNG, 2019). Cômodos de estilos ocidentais apresentam uma função delimitada, como jantar, estudar, estar ou dormir. Por outro lado, moradias *hanok* não possuíam diferenciação dos cômodos quanto ao seu uso, ou seja, o *bang* não apresentava uma função fixa. A única diferenciação que os cômodos da moradia *hanok* recebiam se dava em relação ao seu ocupante e a sua posição dentro da edificação (JUNG, 2019). Por exemplo, o *anbang* correspondia ao compartimento interno usado pela esposa da família, o *geoneonbang* denominava o cômodo oposto ao *anbang* e o *sarangbang* se tratava do compartimento usado pelo chefe da família (JUNG, 2019).

Diferentemente do cômodo ocidental, os compartimentos da casa tradicional coreana não apresentavam um uso fixo, se caracterizando como espaços multiusos onde diversas atividades se faziam realizadas pelos residentes. Estes compartimentos poderiam apresentar tanto piso em *maru* quanto em *ondol*, sistemas referentes ao caráter do espaço, não ao espaço funcional para uma finalidade específica (JUNG, 2019). Na residência *hanok*, somente a cozinha e o depósito poderiam distinguir as funções, contudo, a cozinha tradicional coreana se trata de um espaço polivalente, pois nela se cozinhava, se armazenavam alimentos e se controlava o aquecimento da casa (JUNG, 2019).

O uso de um *bang* no espaço doméstico na Dinastia Joseon como um espaço multiuso está profundamente relacionado ao estilo de vida coreano do período (KWON; AHN, 2021). Na casa ocidental, cada atividade cotidiana é executada em um cômodo específico. Já no espaço residencial coreano tradicional, a vida doméstica se fazia realizada majoritariamente no *bang*: em um único cômodo o morador dormia, realizava refeições, estudava ou recebia convidados (JUNG, 2019).

As casas em *hanok* não tinham um *layout* de projeto que fosse igualmente distribuído por toda a Península Coreana, sendo que variações ocorriam conforme a região e a condição social da família que habitava a residência (JEON, 2016). Residências de distintas classes sociais apresentavam cômodos fundados no *ondol* e no *maru*, apesar de existirem diferenças funcionais ao comparar *layouts* de *hanoks* pertencentes a membros de alto ou baixo poder aquisitivo (ZLATARITS, 2018).

Durante a maior parte da Dinastia Joseon, a Península Coreana se fez dividida em oito províncias (Figura 02). Cada província desenvolveu seu plano habitacional de acordo com a diferença média anual de temperatura entre as regiões geográficas (AHN, 2014). Ademais, o *layout* da casa variava conforme a preferência do seu proprietário, bem como na técnica utilizada pelo construtor (LEE, 2018).

FIGURA 01- Mapa das províncias coreanas durante a maior parte da Dinastia Joseon (1392-1910)

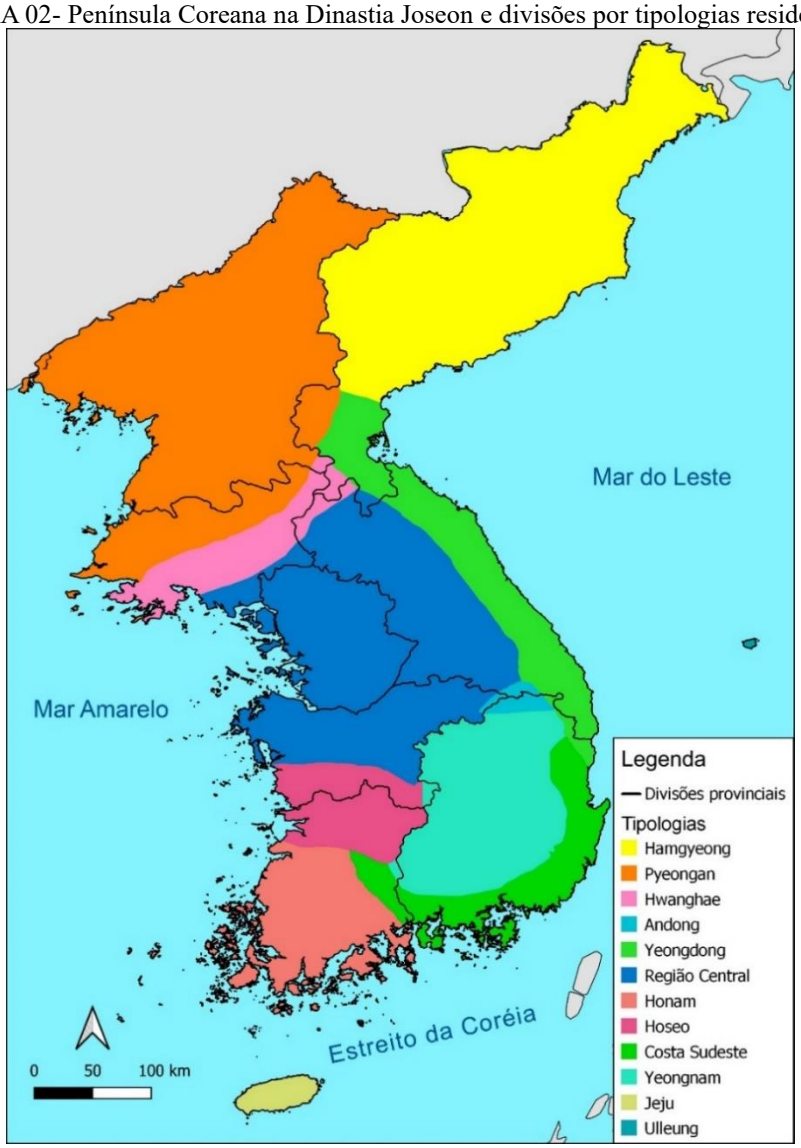


Fonte: autoria própria.

Os quatro modelos mais comuns de plantas residenciais correspondiam aos formatos linear, em L, em U e retangular, sendo que cada planta se fazia concebida para diferentes propostas que atendiam a variadas situações climáticas e ambientais (LEE, 2018). Jeon (2016) propõe que as variedades residenciais encontradas na Península Coreana durante a dinastia Joseon se faziam divididas em doze

áreas, as quais não necessariamente acompanhavam as divisões provinciais oficiais. No norte da península se encontram Hamgyeong, Pyeongan e Hwanghae. Na porção central estão presentes Andong, Yeongdong e a Região Central. O sul é compreendido por Honam, Hoseo, Costa Sudeste e Yeongnam. Já as ilhas de Ulleungdo e Jeju desenvolveram distintas tradições construtivas, por isso podem ser consideradas uma categoria diferenciada.

FIGURA 02- Península Coreana na Dinastia Joseon e divisões por tipologias residenciais.

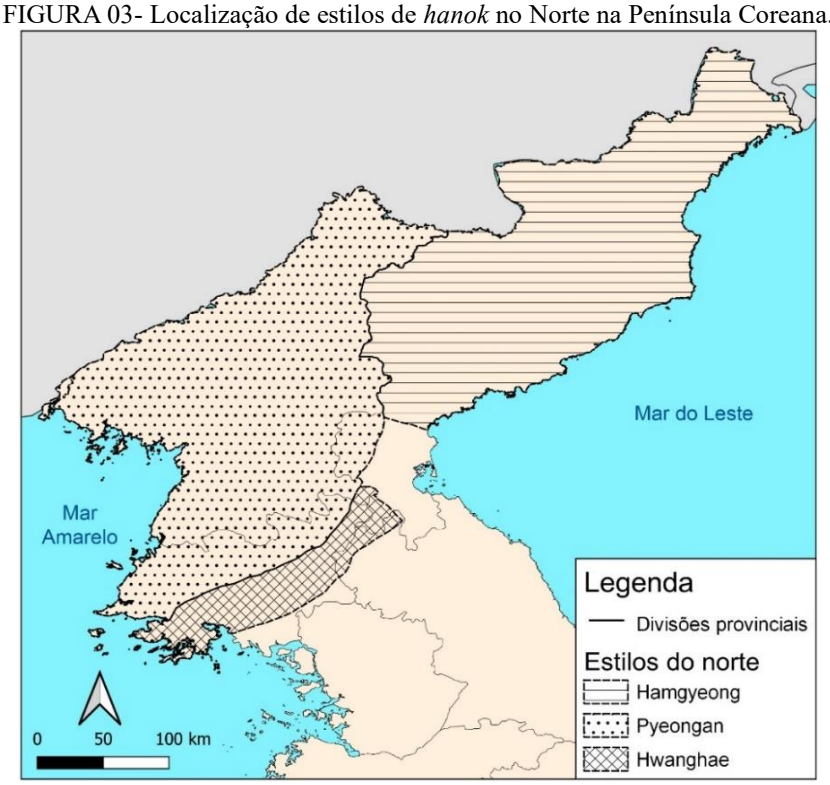


Fonte: autoria própria

Na porção norte da Península Coreana, que atualmente compreende a Coréia do Norte, predominavam tipologias retangulares, criadas a partir do arranjo de cômodos em duas fileiras, ou linear, com os cômodos dispostos lado a lado em uma única fileira. Considerando que tipologias retangulares são maiores e incorporam mais cômodos do que moradias em forma de U ou L, percebe-se que o espaço interno das residências mais ao norte da península se apresentava mais amplo em comparação com habitações de outras regiões. Ademais, pelo fato de que o norte da Península Coreana apresenta um clima mais frio, *hanoks* construídos nesta porção não possuíam cômodos com piso em

maru, cuja função corresponde ao resfriamento do ambiente, uma estratégia considerada desnecessária para tal região.

FIGURA 03- Localização de estilos de *hanok* no Norte na Península Coreana.



Fonte: autoria própria

Residências do estilo Hamgyeong, encontradas primordialmente na província homônima, se caracterizavam pelo formato retangular com cômodos organizados de forma compacta, pois desta maneira os espaços internos se mantinham aquecidos e protegidos de ventos frios. Os quartos e cozinha se faziam dispostos em torno de um cômodo de transição que geralmente servia como um espaço de estar para os residentes, denominado *jeongjugan*. Este espaço funcionava como uma área de convivência aberta onde os moradores usualmente faziam refeições ou realizavam tarefas domésticas. Por apresentar o piso aquecido com o sistema *ondol*, o *jeongjugan* se fazia prolongadamente ocupado pelos residentes em dias frios.

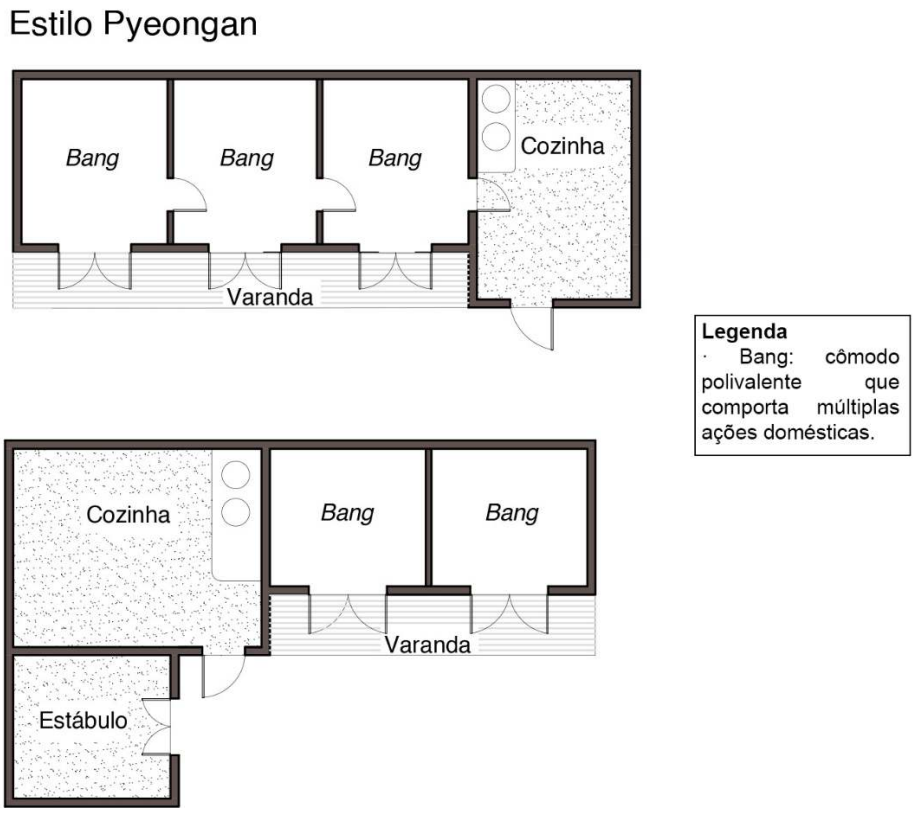
FIGURA 04- Plantas de residências do estilo Hamgyeong



Fonte: autoria própria (adaptado de SHON, 2011; JEON, 2016; ZLATARITS, 2018)

A porção noroeste da Coreia, especialmente a província de Pyeongan, tinha como principal tipologia residencial o estilo Pyeongan, caracterizado por um arranjo linear. A disposição mais simplificada encontrada nesta região da península apresentava uma cozinha na extremidade da residência e dois ou três compartimentos dispostos lado a lado. Em muitos casos, as residências continham um estábulo anexo. As moradias apresentavam também uma varanda estreita frontal com piso em madeira.

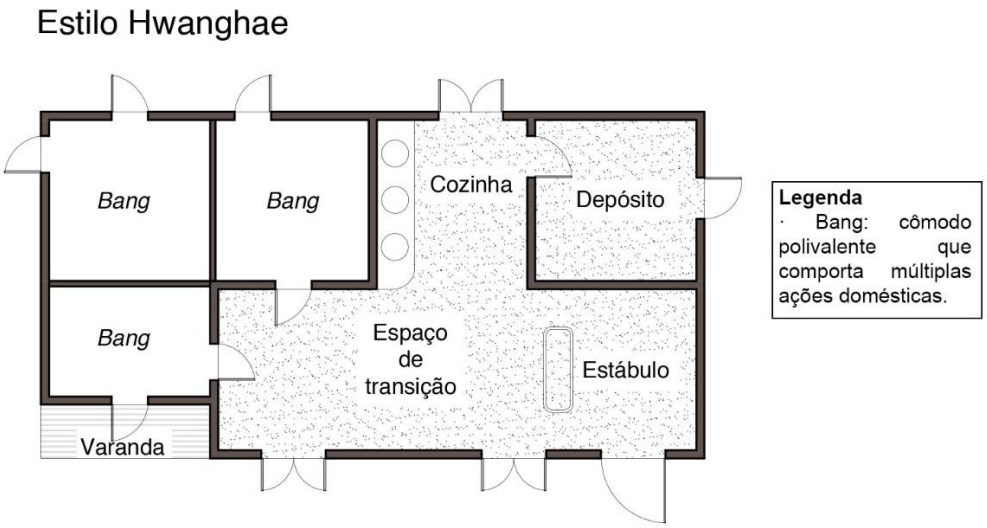
FIGURA 05- Plantas de residências do estilo Pyeongan



Fonte: autoria própria (adaptado de SHON, 2011; JEON, 2016)

O estilo Hwanghae, presente principalmente na província homônima, apresentava um arranjo espacial semelhante à tipologia Hamgyeong, com os cômodos adjacentes uns aos outros. Entretanto, diferentemente desta, não continha um *jeongjugan*, mas sim um espaço frontal de transição entre os compartimentos e a cozinha. Neste espaço os moradores da residência realizavam trabalhos domésticos em dias chuvosos ou no inverno. Possivelmente para otimizar tais tarefas, os animais eram mantidos em um ambiente logo na entrada, com a cozinha anexada a ele nos fundos.

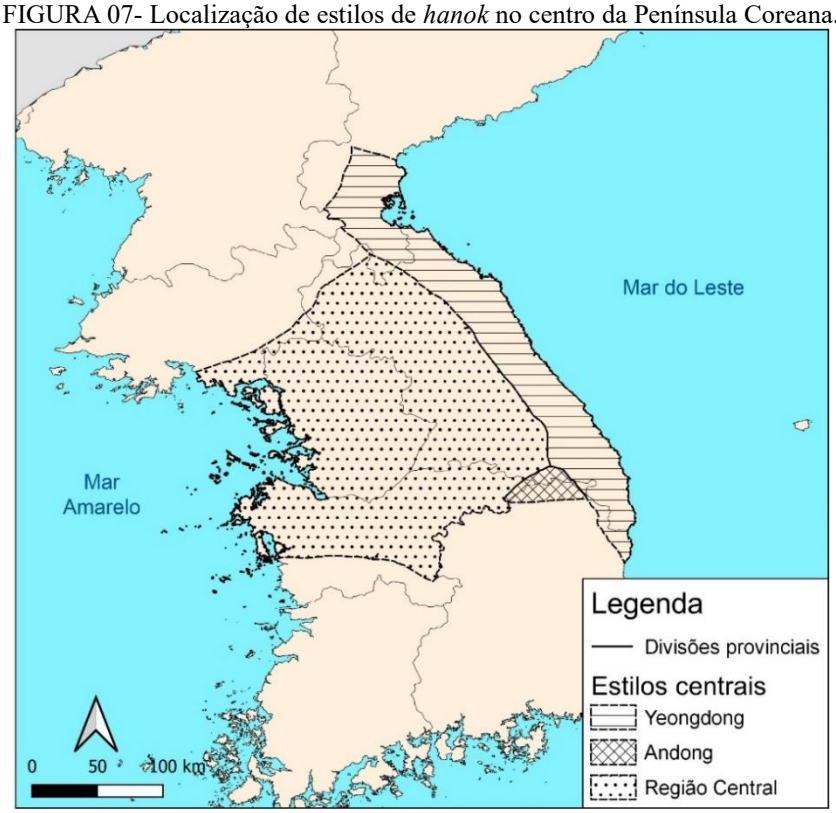
FIGURA 06- Planta de residência do estilo Hwanghae



Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016)

Na porção central da Península Coreana, a tipologia comum para as residências apresentava o formato em “L”, embora moradias com planta em forma de U ou de retângulo também se faziam existentes. Pode-se afirmar que as tipologias de províncias centrais correspondiam a uma junção dos estilos existentes tanto no norte quanto no sul da península.

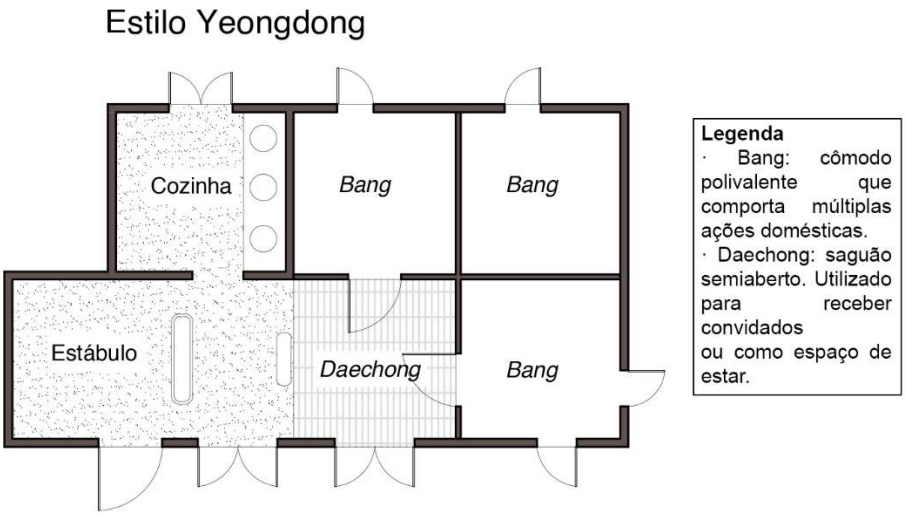
FIGURA 07- Localização de estilos de *hanok* no centro da Península Coreana.



Fonte: autoria própria

Residências do estilo Yeongdong se faziam predominantes em grande parte da costa leste da Península Coreana. Estas residências apresentavam um saguão semiaberto, com piso em *maru*, cercado por cômodos em seus três lados. Este ambiente, denominado como *daecheong,* se fazia utilizado principalmente no verão para receber convidados ou como espaço de estar pelos residentes.

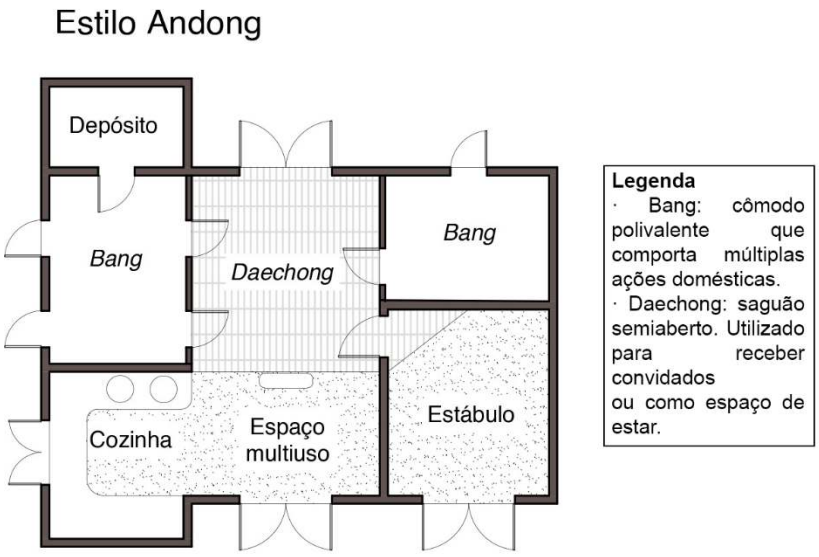
FIGURA 08- Planta de residência do estilo Yeongdong



Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016)

O estilo Andong, muito semelhante ao estilo Yeongdong, predominava em uma pequena região no interior da península. Também se caracterizava pela presença de cômodos circundando os três lados de um saguão semiaberto. A cozinha apresentava um espaço adjacente multiuso, onde eram realizadas tarefas domésticas.

FIGURA 09- Planta de residência do estilo Andong

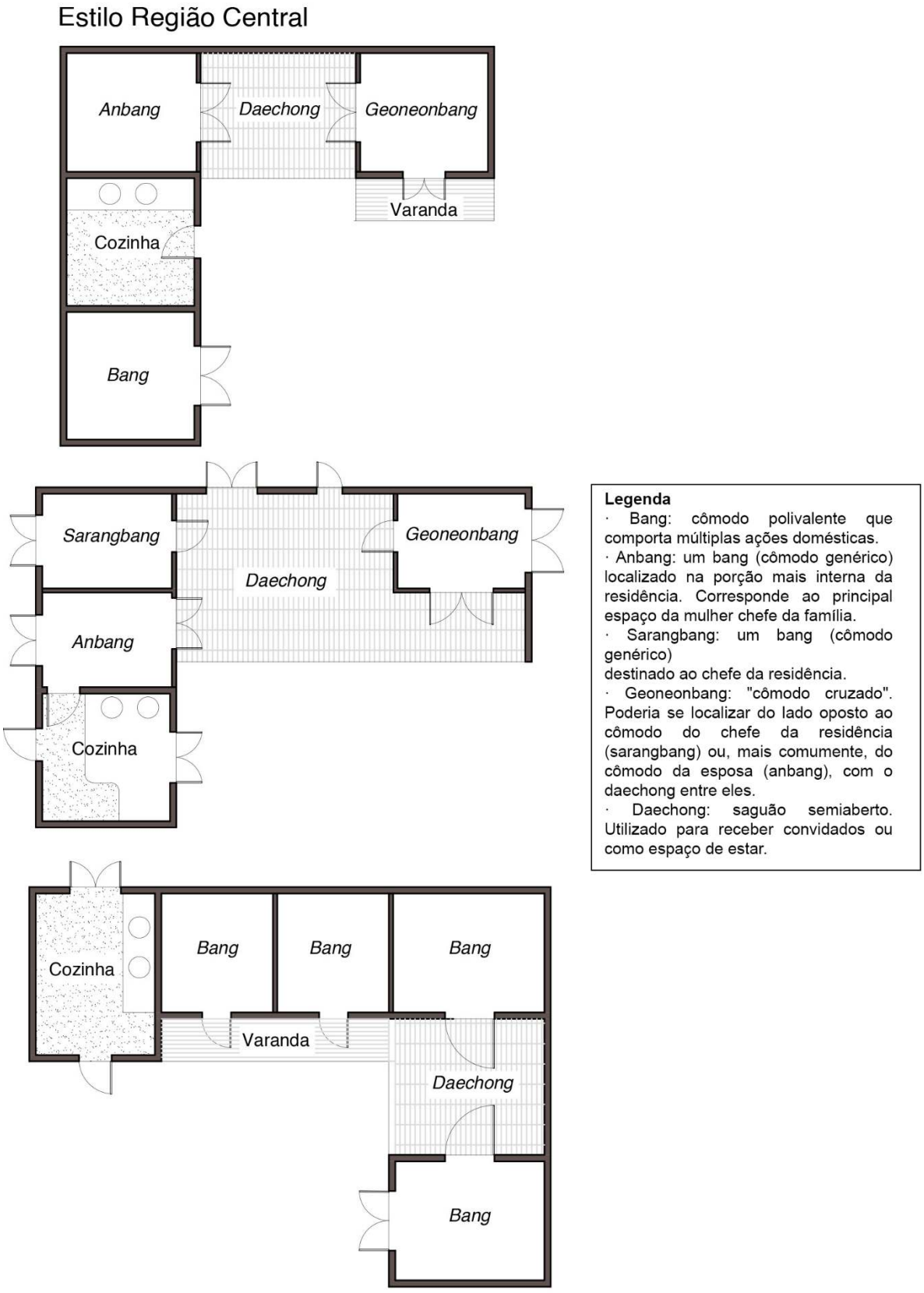


Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016)

Residências da Região Central da península geralmente possuíam uma forma em "L". *Hanoks* desta porção da Coréia tinham o saguão semiaberto, ou *daecheong*, como importante estratégia bioclimática, considerando que este espaço auxiliava na ventilação e no controle de iluminação natural da edificação. Os cômodos da residência se faziam preferencialmente conectados pelas paredes laterais, enquanto as paredes frontal e de fundo apresentavam aberturas de modo a permanecer desobstruídas para o espaço externo. Ao criar uma entrada na parte frontal do cômodo e janelas no seu

fundo, aprimorou-se a circulação de ar e a iluminação natural, formação que se adequa ao clima ameno desta porção da Península Coreana.

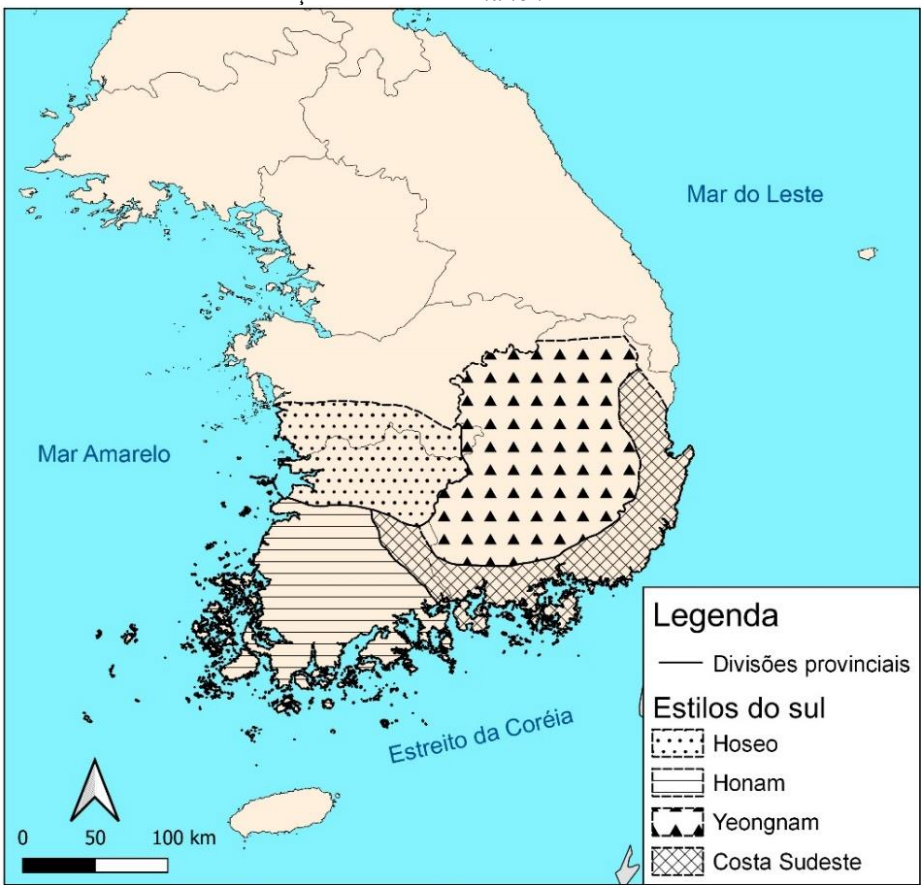
Figura 10: Plantas de residências do estilo Região Central



Fonte: autoria própria (adaptado de SHON, 2011; JEON, 2016; ZLATARITS, 2018)

O sul da Península Coreana, atualmente localizado na Coréia do Sul, apresenta um clima mais quente e úmido, com verão ameno e prolongado, o que requer uma configuração que garanta uma boa ventilação na edificação. O formato residencial considerado mais adequado para este fim corresponde ao linear. Por isso, as residências desta região geralmente apresentavam os cômodos arranjados linearmente. Comparado com os demais formatos utilizados em moradias coreanas na Dinastia Joseon, os estilos lineares da porção sul do território se faziam mais compactos e apresentavam mais aberturas, solução que permite maior ventilação e iluminação natural. Outra característica diferenciada das residências da porção sul do território coreano se tratava da possibilidade de aberturas nos quatro lados da edificação.

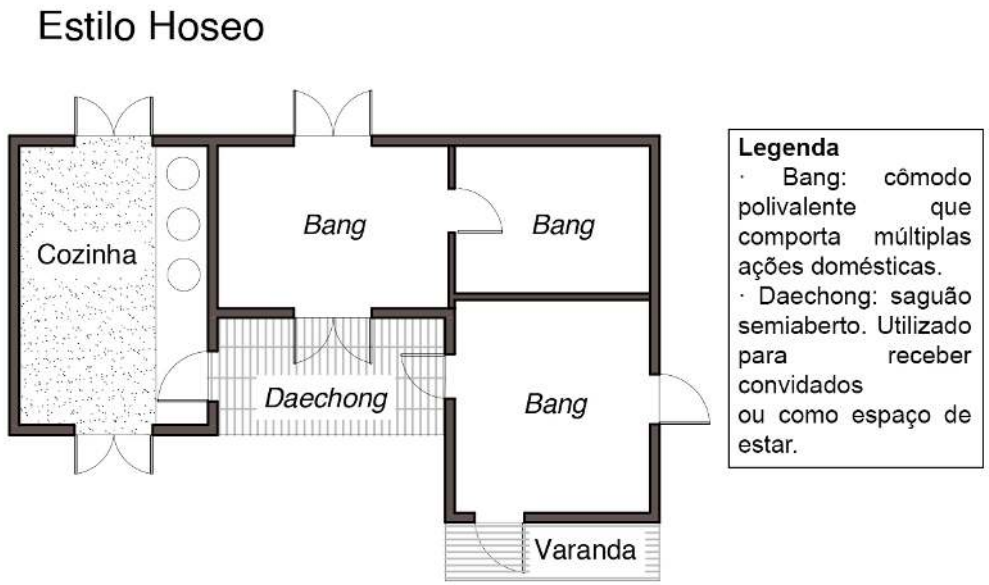
FIGURA 11: localização de estilos de *hanok* no sul da Península Coreana



Fonte: autoria própria

O estilo Hoseo, o mais proeminente no sudoeste da Península Coreana, tem seu *layout* como resultado do crescimento populacional sofrido pela região no século XIX. Para comportar mais moradores, as residências tinham espaços adicionados a uma de suas extremidades, de uma forma que sua largura aumentava.

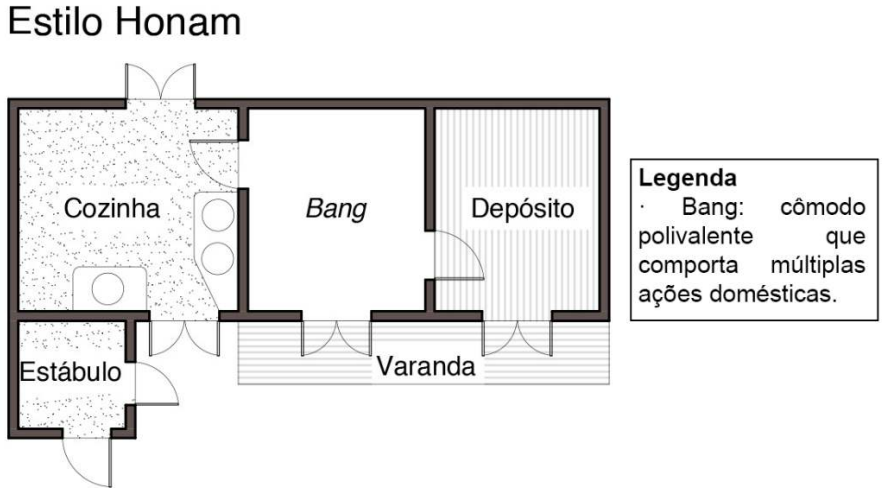
FIGURA 12- Planta de residência do estilo Hoseo



Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016; ZLATARITS, 2018)

Na maior porção da província de Jeolla predominava o estilo Honam. Este se caracterizava por ser linear, mas também podia sofrer acréscimos de cômodos em suas extremidades conforme a demanda, tal qual o estilo Hoseo. Diferentemente dos demais estilos da porção sul da Coréia, o estilo Honam geralmente não continha cômodos com piso em *maru*.

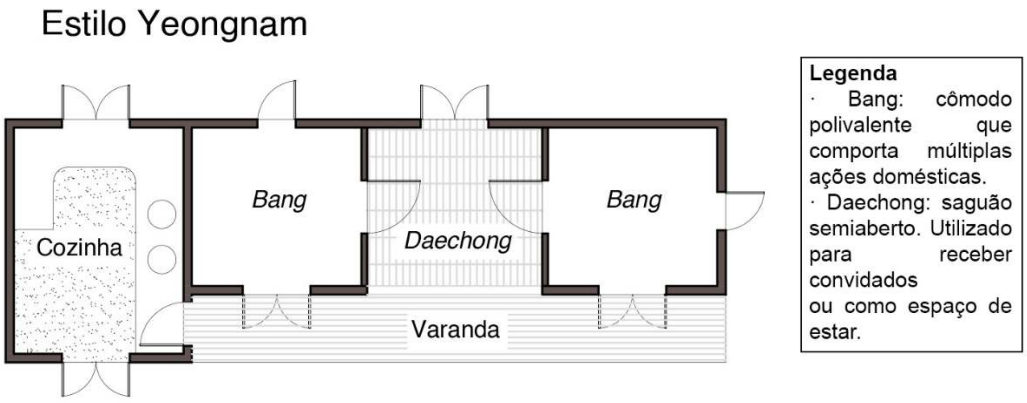
FIGURA 13- Planta de residência do estilo Honam



Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016)

O estilo Yeongnam se caracterizava por apresentar um formato linear, com a cozinha posicionada na extremidade oeste da residência. Ao lado da cozinha, se encontravam posicionados os compartimentos dos residentes (*bang*), geralmente separados por um saguão semiaberto (*daechong*) com piso em *maru*. A maneira como o cômodo com *maru* se fazia posicionado entre dois compartimentos, tal como encontrado neste estilo, evidencia um clima mais ameno e que não demanda tanta conservação de calor.

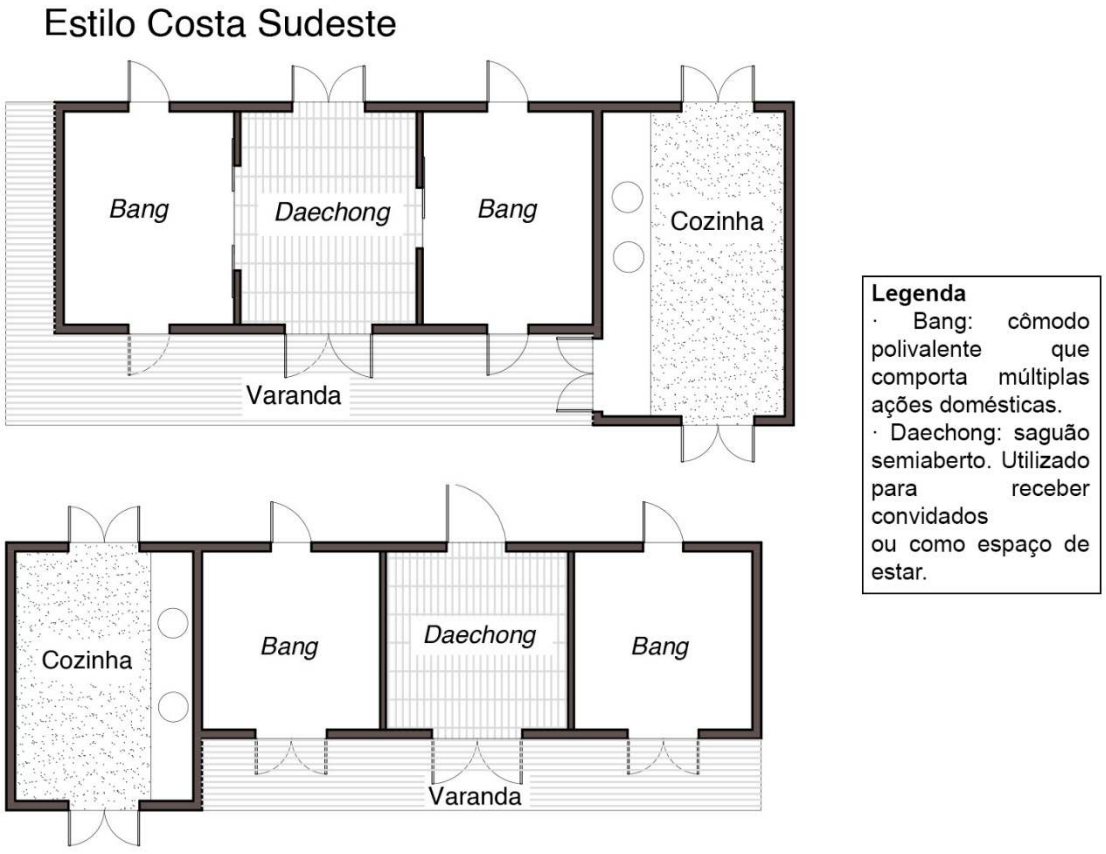
FIGURA 14- Planta de residência do estilo Yeongnam



Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016)

Ambos os *layouts* do estilo da Costa Sudeste da Península Coreana se caracterizavam por serem similares ao do estilo Yeongnam, apresentando formato linear, cozinha na extremidade e saguão semiaberto (*daechong*) com piso em *maru* entre dois compartimentos polivalentes (*bang*). Sugere-se que esta disposição de cômodos também não necessitava consideração para invernos rigorosos. Os espaços do estilo da Costa Sudeste se caracterizavam também por estarem conectados por uma estreita e comprida varanda de madeira.

FIGURA 15: plantas de residências do estilo Costa Sudeste



Fonte: autoria própria (adaptado de JEON, 2016; ZLATARITS, 2018)

As ilhas de Ulleungdo e Jeju, atualmente pertencentes à Coréia do Sul, apresentam clima e topografia diferentes do restante do território coreano, o que resultou em formas de moradias singulares. Estas ilhas não passam por estações de seca: o verão se caracteriza por ser quente e úmido, enquanto o inverno se faz marcado por fraca luz solar e frequentes chuvas, como no caso de Jeju, ou neve, como no caso de Ulleungdo. Estes atributos fizeram com que Ulleungdo e Jeju apresentassem tipologias residenciais únicas durante a Dinastia Joseon.

FIGURA 16- Localização de estilos de *hanok* nas ilhas de Ulleungdo e Jeju

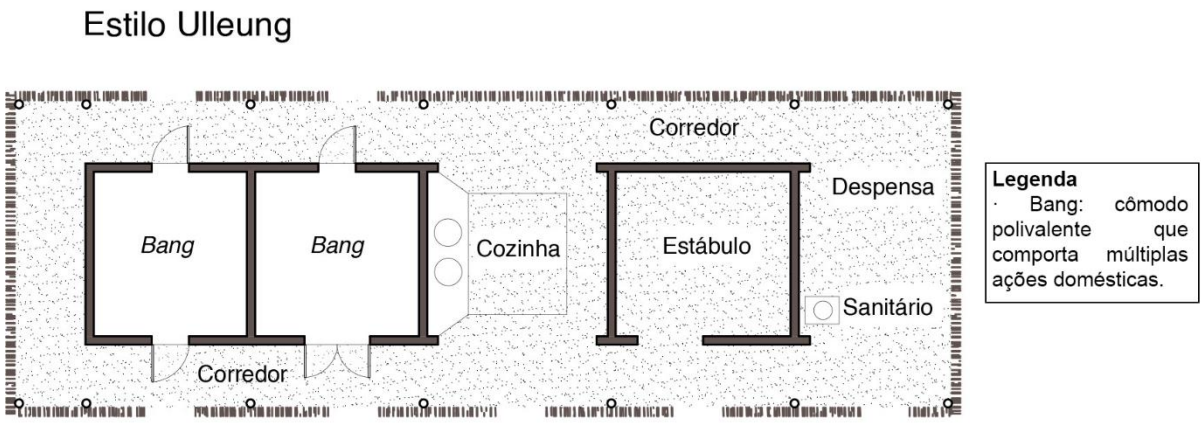


Fonte: autoria própria

O estilo Ulleung, presente na ilha Ulleungdo, possuía um formato linear, adequado para o clima local, além de que os espaços subordinados, tais como celeiros e galpões eram ligados ao edifício principal. Possivelmente, o maior diferencial das residências em estilo Ulleung corresponde à presença de uma parede autônoma instalada sob os beirais da edificação que tinha como função a proteção contra neve e ventos frios. Esta parede se fazia concebida por meio da tecelagem de palha de milho e uma espécie local de capim e presas nas colunas de madeira que delimitavam o exterior do edifício (JEON, 2016). Já as paredes do edifício principal se caracterizavam por possuírem uma estrutura de troncos empilhados paralelamente ao solo, capaz de sustentar cargas maiores (JEON, 2016). Este

conjunto se mostrava eficiente para suportar a alta quantidade de neve no inverno, bem como para trazer conforto aos residentes durante esta estação.

FIGURA 17- Planta de residência do estilo Ulleung



Fonte: autoria própria (adaptado de ZLATARITS, 2018)

O estilo Jeju, predominante na ilha homônima, tinha como principal aspecto diferencial o material usado para a concepção das residências. Paredes e cercas eram concebidas com pedras vulcânicas, o material mais abundante na ilha. As moradias também se faziam projetadas com telhado de sapê amarrados com cordões de palha para suportar os fortes ventos. Ademais, como os invernos na ilha se caracterizam por serem mais amenos, pisos em *ondol* raramente se faziam empregados (JEON, 2016). Outro diferencial das residências em Jeju correspondia ao *gulmok*, um sistema de aquecimento inexistente em outras regiões da Coréia.

FIGURA 18- Plantas de residências do estilo Jeju



Fonte: autoria própria (adaptado de SHON, 2011; JEON, 2016; ZLATARITS, 2018)

4 A CASA COREANA E SUA HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL

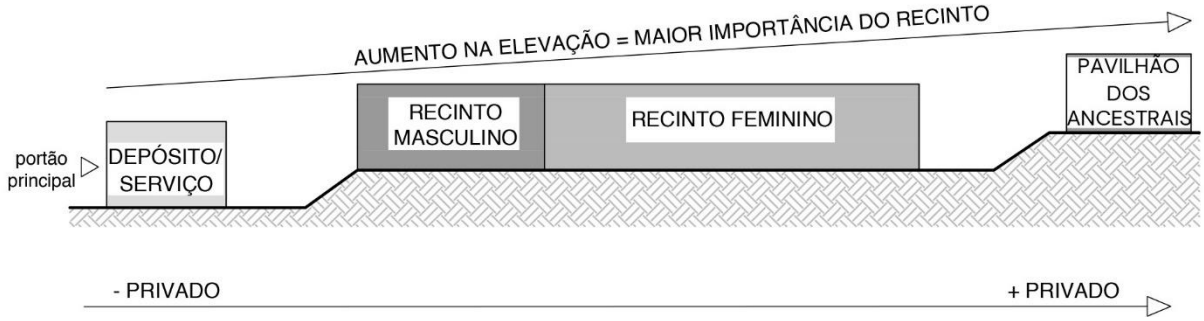
A sociedade coreana na Dinastia Joseon também estava organizada em classes, o que refletia nos diferentes estilos de hanok (LEE, 2018). Residências de membros de classes mais abastadas eram denominadas *banga* e conforme Zlatarits (2018) são o que hoje é amplamente considerado o epítome da tradicional casa coreana. Por outro lado, classes de menores poderes aquisitivos habitavam casas denominadas *minga*. Ainda segundo Zlatarits (2018), a principal diferença entre esses dois tipos de *hanok* está no fato de que casas da população mais pobre se faziam estritamente voltadas para o funcionalismo, enquanto moradias de famílias mais enriquecidas também davam uma importância a fatores estéticos.

A configuração básica de uma *banga*, residência pertencente a membros de classes mais altas da Dinastia Joseon, apresentava recintos separados para homens e mulheres e um pavilhão para os ancestrais (KRZYSZTOFIK, 2020). A maioria dessas residências contava também com espaços

separados para os servos e depósitos, onde eram armazenados artigos como ferramentas ou grãos (ZLATARITS, 2018). Todo esse conjunto se fazia cercado por um muro perimetral (JEON, 2016). Como as residências da elite eram compostas por diversas edificações, elas eram consideravelmente maiores do que as residências pertencentes a membros de classes de menor poder aquisitivo (ZLATARITS, 2018).

Com base em sua importância, todas as edificações que compunham uma *banga* se faziam dispostas em áreas específicas do terreno, de acordo com a distância do portão de entrada: quanto mais distante do portão, mais relevante era o recinto (CHOI, 2007). Juntamente com a orientação, a elevação das edificações refletia também a hierarquia, onde os prédios mais elevados apresentavam maior importância (ZLATARITS, 2018). A elevação se fazia alcançada tanto por meio da topografia do terreno quanto por construção artificial ou, na maioria dos casos, através da combinação de ambos (ZLATARITS, 2018).

FIGURA 19- Recintos de uma residência em relação ao portão de entrada principal e à elevação do terreno, indicando hierarquia entre seus residentes.



Fonte: autoria própria (adaptado de ZLATARITS, 2018)

Próximo ao portão de entrada da residência, na porção menos elevada do terreno, se localizavam o depósito e o recinto dos servos (ZLATARITS, 2018). O recinto dos servos se tratava do espaço onde os servos da casa trabalhavam e dormiam, entretanto, em muitos casos, os servos poderiam ter quartos dentro das edificações dos patrões (CHOI, 2007).

A parte central de uma *banga* correspondia ao espaço reservado ao senhor e à sua família, que, seguindo os preceitos neo-confucionistas, se fazia dividido de acordo com o gênero do morador (CHO, 2013). O interior de cada um dos recintos se apresentava como um espaço contínuo, com áreas individuais conectadas umas com as outras ao invés de fazerem o uso de barreiras físicas (ZLATARITS, 2018). Esta configuração se dava pelo fato de que a habitação era utilizada para múltiplas finalidades, o que exigia um interior ininterrupto (ZLATARITS, 2018).

O recinto do senhor da casa correspondia ao *sarangchae*, que geralmente comportava uma sala particular, um dormitório, um saguão e uma varanda, os quais se faziam diferenciados não por paredes, mas sim pelo tipo de piso (CHOI, 2007). Nestes espaços, o chefe da família realizava todas as atividades cotidianas, tais como dormir, realizar refeições, ler, consumir chá, receber convidados,

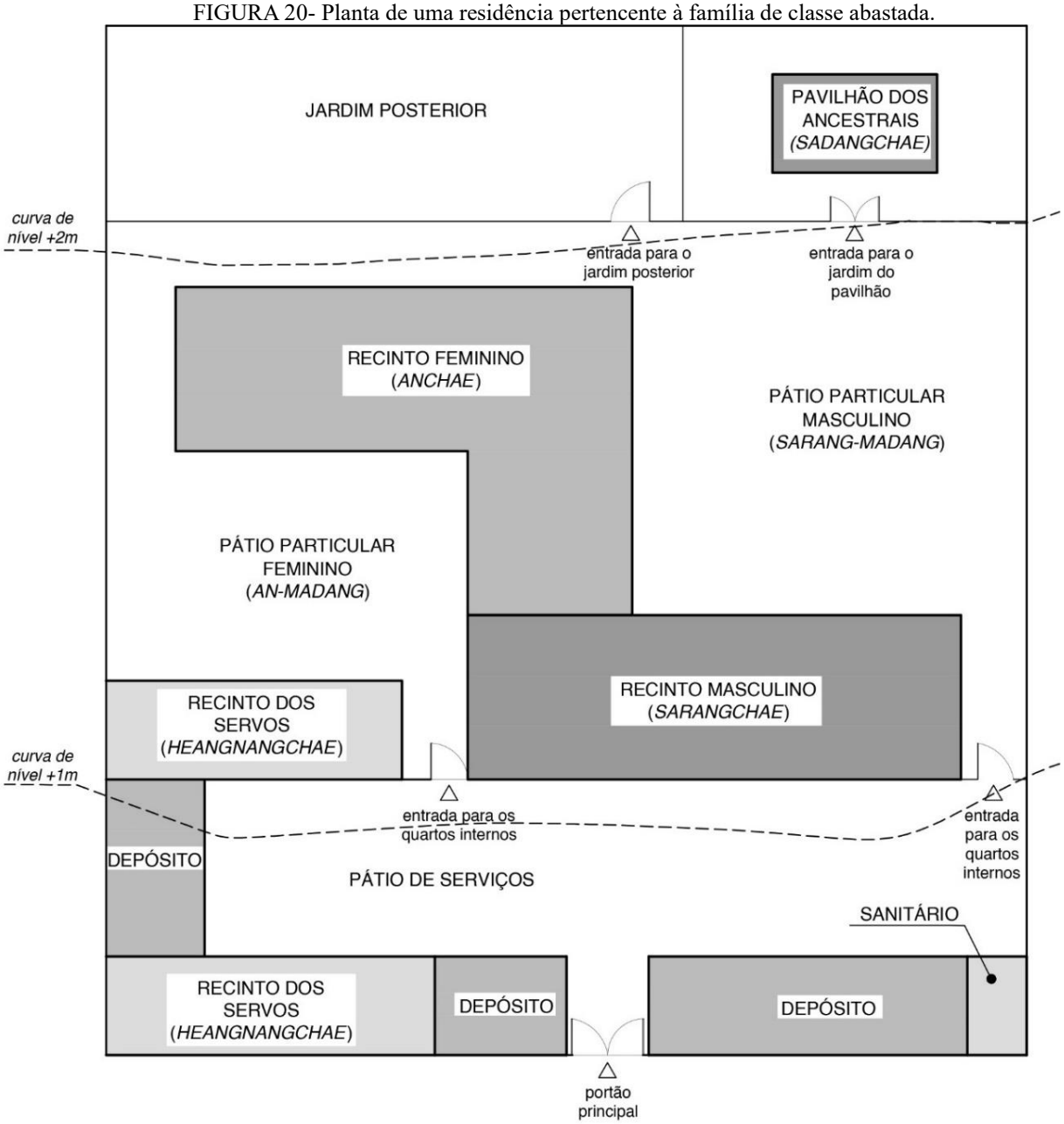
descansar, estudar, praticar caligrafia, tocar instrumentos e jogar jogos (KRZYSZTOFIK, 2020). O *sarangchae* contava ainda com um pátio particular, espaço exclusivo ao senhor e a outros membros masculinos da casa, que o usavam para ler e pensar (CHOI, 2007). Conforme o tamanho da família, muitas casas de elite poderiam contar com mais de um *sarangchae*, sendo o maior destinado ao chefe da família e o menor reservado aos filhos homens (ZLATARITS, 2018).

Próximo ao *sarangchae*, atrás de um muro baixo, estava o recinto destinado à esposa do chefe da família (KRZYSZTOFIK, 2020). Este recinto, denominado *anchae*, normalmente apresentava uma sala particular, um saguão e um pátio (CHOI, 2007). Em muitos casos, o *anchae* possuía também um quarto para a nora da família (SHON, 2011).

Residências de famílias mais numerosas contavam ainda com um recinto denominado *byeoldangchae*, que era próximo ao *anchae*, se habitado por mulheres, ou próximo ao *sarangchae*, se habitado por homens (CHO, 2013). Esta estrutura se fazia destinada aos pais idosos do senhor ou a outros membros da família dependentes, tais como filhas solteiras ou filhos jovens (KRZYSZTOFIK, 2020). Geralmente, o *byeoldangchae* apresentava um cômodo com maru, um cômodo com *ondol*, uma sala de estudos, uma varanda e um pátio (CHOI, 2007).

Na porção mais elevada do terreno, aos fundos da parte principal da casa, era construído o *sadangchae,* um pavilhão reservado à memória dos ancestrais da família (CHO, 2013). Neste pavilhão, os residentes da casa realizavam orações diárias e rituais comemorativos na data de falecimento de cada um dos ancestrais (CHOI, 2007).

FIGURA 20- Planta de uma residência pertencente à família de classe abastada.



Fonte: autoria própria (adaptado de ZLATARITS, 2018)

Por outro lado, no período da Dinastia Joseon, indivíduos de médio e baixo poder aquisitivo, que constituíam a maior parte da população, habitavam a *minga*, residência composta por uma única edificação (ZLATARITS, 2018). O layout mais simples de uma *minga* se fazia composto de uma cozinha e dois cômodos com *ondol* (JEON, 2016). Para conter um *maru*, a casa necessitava apresentar um layout de, no mínimo, quatro cômodos. Por isso, este tipo de piso aparecia com mais frequência em moradias de famílias de médio poder aquisitivo (JEON, 2016)

Assim como em residências de famílias de alto poder aquisitivo, a *minga* continha espaços multiusos separados para moradores do sexo masculino e do feminino, seguindo os preceitos vigentes do neo-confucionismo (SHON, 2011). Mais próximo do portão de entrada se encontrava o cômodo do chefe masculino da família, denominado como *sarangbang* (JUNG, 2014). O cômodo destinado para

a esposa do chefe da família, alcunhado como *anbang*, se localizava na parte mais interna da casa, o que garantia maior privacidade à residente (JUNG, 2014). Nas residências de moradores de baixo e médio poder aquisitivo, o *anbang* quase sempre se encontrava anexado à cozinha, onde a mulher realizava a maioria das suas tarefas domésticas (JUNG, 2014).

Em muitas casas, os cômodos do dono da casa e da sua esposa estavam separados por um saguão central principal, geralmente com pisos em *maru*, denominado *daecheong* (ZLATARITS, 2018). Este espaço era utilizado para a realização de eventos familiares importantes, tais como casamentos, e também servia como sala de jantar e sala de recepção para convidados (JEON, 2016). Diferentemente de residências de famílias mais abastadas, casas de indivíduos de baixo e médio poder aquisitivo apresentavam a cozinha na mesma edificação dos espaços privados dos residentes (ZLATARITS, 2018). Além de servir como espaço de cocção de alimentos, a cozinha também funcionava como um espaço de armazenamento (JEON, 2016). Residências *minga* também continham um local reservado à memória e à adoração dos ancestrais da família, distinta característica de moradias da Dinastia Joseon. Entretanto, estes locais não funcionavam em uma edificação separada, como ocorria em *bangas*, mas sim em um espaço dentro da casa, geralmente situado no lado oposto dos aposentos do chefe da família (SHON, 2011).

5 MATERIAIS E ESTRUTURA DA ARQUITETURA TRADICIONAL COREANA

Originalmente, a arquitetura em hanok fazia apenas o uso de materiais naturais, sendo que a pedra, a madeira e o barro correspondiam aos principais materiais utilizados na confecção de edificações (LEE, 2018). O papel também era utilizado com frequência nas casas em hanok por possuir textura macia e oferecer grande flexibilidade (ZLATARITS, 2018).

Pedras de boa qualidade, tais como basalto, gnaisse, andesita, calcário e arenito, eram amplamente usadas para a construção de residências (AHN, 2014). Em especial, o granito se mostrava extensamente utilizado na fundação, base e paredes de edificações, especialmente daquelas pertencentes a classes mais altas (AHN, 2014). Por outro lado, madeira de alta qualidade não era fácil de ser obtida devido a topografia, a baixa pluviosidade e ao ar seco presente na maior parte da Península Coreana. Assim, o material se fazia empregado com moderação (AHN, 2014). A madeira de pinheiro era a mais utilizada para a construção de estruturas de edificações em *hanok* pelo fato de que se caracteriza por ser resistente e de maior maleabilidade (LEE, 2018).

Por ser obtido facilmente e, portanto, não apresentar custos, o barro era um material de construção bastante comum na Coréia durante a Dinastia Joseon (ZLATARITS, 2018). O barro utilizado para a construção de *hanoks* poderia ser feito com diversos tipos de solo, e o material era empregado na concepção de bases, paredes e pisos (NATIONAL HANOK CENTER, 2017). Ademais, o barro se tratava de um componente fundamental de coberturas, pois além de servir como matéria

prima para a fabricação de telhas, uma camada do material era aplicada acima das treliças de madeira para funcionar como isolante térmico (ZLATARITS, 2018).

As colunas do *hanok* eram diretamente apoiadas em fundações feitas de pedra natural ou polida, as quais transferiam a carga da edificação para o solo ou para uma plataforma, semelhante a um estilóbato (NATIONAL HANOK CENTER, 2017). Esta plataforma tinha como função trazer maior quantidade de luz do sol para dentro da casa, evitar que a umidade do solo entre em contato com o piso e melhor distribuir as cargas da edificação para as fundações (CHO, 2013). O material, a altura e a face da superfície da plataforma indicavam a qual classe o proprietário da residência pertencia (CHO, 2013). Na Dinastia Joseon, a maior parte da população tinha suas casas construídas sob plataformas feitas de barro com a adição de cascalhos e pedaços de madeira, enquanto casas da elite geralmente apresentavam plataformas compostas por granito (NATIONAL HANOK CENTER, 2017; CHO, 2013).

Embora alguns assentamentos especiais de classes mais abastadas utilizavam a estrutura de pedra, a maior parte das casas em *hanok* apresentava o sistema estrutural em madeira (ZLATARITS, 2018). Tipicamente, a estrutura de madeira dos *hanoks* se fazia toda acoplada por meio de encaixes na madeira, sem o uso de pregos ou de cola (LEE, 2018). O tipo de encaixe mais frequente nas residências *hanok* correspondia à união em cauda de andorinha, onde a conexão de cada um dos elementos era feita com encaixes de forma trapezoidal (ZLATARITS, 2018).

As colunas das edificações eram posicionadas sobre as fundações de pedra sem o uso de qualquer tipo de argamassa de ligação (CHO, 2013). Para isso, aplicava-se um método denominado *deombeong jucho*, onde as superfícies de contato da coluna e da fundação eram preparadas de tal maneira que os dois componentes estruturais permaneciam intertravados (ZLATARITS, 2018). Assim, a estrutura se mantinha estabilizada e evitavam-se deslocamentos por movimentos horizontais provocados por ventos fortes ou tremores de terra (KIM, 1998).

No topo das colunas existiam pinos e reentrâncias para o encaixe das vigas, que depois de colocadas, tinham nelas encaixadas as treliças do telhado (LEE, 2018). Após terminado todo o trabalho em madeira, a estrutura recebia algumas demãos de óleo com o objetivo de garantir proteção contra umidade e ataques de insetos xilófagos (ZLATARITS, 2018). Toda a estrutura de madeira era capaz de suportar o peso da cobertura, enquanto as paredes não apresentavam função estrutural (CHO, 2013).

As paredes tradicionais da residência em *hanok* se faziam compostas por uma trama de ripas preenchidas com argamassa de barro, em uma técnica semelhante ao pau-a-pique (NATIONAL HANOK CENTER, 2017). Para a confecção das ripas, dava-se preferência a materiais encontrados localmente, sendo que poderiam ser utilizados bambu, tiras de lespedeza ou tiras de sorgo (NATIONAL HANOK CENTER, 2017). A trama de ripas recebia três camadas de argamassa de barro, tanto interna,

quanto externamente e esta se fazia composta de barro, areia, palha picada e água (NATIONAL HANOK CENTER, 2017). A partir do século XIX, as paredes tradicionais passaram a ser frequentemente substituídas por painéis de dry wall (CHO, 2013).

O *hanji* corresponde ao papel artesanal coreano, material empregado na construção de casas na Coréia desde os tempos antigos (ZLATARITS, 2018). Geralmente feito a partir da fibra de mora chinesa (*Broussonetia papyrifera*), o *hanji* se trata de um papel translúcido e leve, mas, ao mesmo tempo, forte e durável, por isso, era utilizado para cobrir portas e janelas (LEE, 2018). Em sua maioria, as aberturas apresentavam formato retangular e se faziam adaptadas à escala humana, baseada na estatura média da população do tempo da construção da residência (ZLATARITS, 2018). Normalmente, portas e janelas usavam como fechamento treliçados variados de madeira encapados com papel *hanji*, que, por ser translúcido, permitia a visualização dos padrões do treliçado (ZLATARITS, 2018). O *hanji* se mostrava apropriado para proteger o espaço interior das residências de diversas influências naturais, pois embora apresente espessura extremamente fina, o material possui capacidade de regular a umidade e oferece bom isolamento acústico e térmico, além de permitir a entrada parcial de luz natural no ambiente (ZLATARITS, 2018).

O teto da casa em *hanok* variava conforme o cômodo, podendo ser suspenso, plano e com um pé direito menos elevado ou aberto para o telhado e, portanto, com um pé direito mais alto (CHO, 2013). As salas aquecidas com o *ondol* apresentavam teto suspenso e plano, o qual consistia em uma estrutura treliçada de madeira preenchida e coberta com papel de arroz ou papel de fibra de mora chinesa (CHO, 2013). As demais áreas fazíam o uso do teto aberto para o telhado, o qual deixava expostas as vigas e os caibros da residência e os espaços entre as estruturas se encontravam preenchidos com gesso branco (CHO, 2013).

O telhado se trata de um componente especialmente significativo para a identidade da arquitetura tradicional coreana (PARK, 2010). Ademais, a primeira impressão fornecida por um *hanok* dependia fortemente do tipo e do tamanho do seu telhado pelo fato de que este elemento demonstrava tanto as características estruturais quanto estéticas da residência (NATIONAL HANOK CENTER, 2017). Na Dinastia Joseon, os telhados das casas em *hanok* apresentavam uma diversidade de materiais e formas, variação proporcional ao poder aquisitivo do proprietário da residência, às influências climáticas e a disponibilidade local do material (ZLATARITS, 2018). Em relação aos materiais, poderiam ser cobertos com telha, palha de arroz, pedra, capim eulália ou casca de carvalho, sendo que os tipos mais comuns correspondiam ao telhado coberto por telhas cerâmicas e ao telhado de palha de arroz trançada (LEE, 2018). Telhas cerâmicas eram frequentemente utilizadas em telhados de palácios, templos e *hanoks* de famílias da elite, enquanto a maioria das casas de indivíduos comuns apresentavam coberturas confeccionadas em palha (NATIONAL HANOK CENTER, 2017).

6 LEGADOS TÉCNICO-CONSTRUTIVOS E CULTURAIS DA CASA *HANOK* NA CONTEMPORANEIDADE

A casa tradicional coreana sofreu uma mudança notável durante a segunda metade do século XIX, quando se deu início na Coréia a introdução de técnicas e materiais de construção contemporâneos (SOHN *et al*., 2006). Após um longo período de isolamento voluntário, Joseon abriu seus portos para nações estrangeiras em 1876 e a partir deste momento, começou a experimentar diversas influências externas (JEON, 2016). Consequentemente, a casa *hanok*, apesar de manter suas distinções, passou a adotar o uso de materiais industrializados, tais como vidro, tijolo e metal, além de parcialmente ter experimentado uma padronização (JEON, 2016).

Em 1910, o Japão anexou a Coreia ao seu território, dando início a um regime colonial na península que perdurou até 1945. Apesar de que neste período colonial a Coréia necessitasse responder a fortes mudanças no padrão de urbanização e de padrões de distribuição residencial, bem como experimentasse a chegada de elementos modernos às moradias, tais como a eletricidade e a água encanada, o modo de morar e a organização espacial residencial tradicional não foram completamente abandonados (SOHN *et al*., 2006).

Considerando que a moradia se trata de uma combinação entre o estilo arquitetônico aparente e o modo de vida interno, dificilmente se faz possível modificar o tipo de habitação sem alterações no estilo de vida (SOHN *et al*., 2006). Desta maneira, durante o regime colonial japonês, a população coreana não absorveu de imediato os estilos de moradia estrangeiros da maneira como eles eram (CHO, 2021). Na realidade, estes foram transformados em tipos de habitações ecléticas baseadas nas circunstâncias da Península Coreana naquele momento, o que resultou em estilos complexos com características coreanas, japonesas e ocidentais (SOHN *et al*., 2006). Por exemplo, os cômodos, as estruturas e os exteriores incorporaram atributos estrangeiros, mas o *ondol* continuou a ser massivamente utilizado para resolver questões relacionadas ao conforto térmico (SOHN *et al*., 2006).

Em 1945 a Coréia conquistou sua independência do Japão, e em 1950 mergulhou em uma guerra civil que duraria três anos. Como resultado, a península foi dividida em norte e sul e um armistício se fez assinado entre os dois novos países formados. Logo após esta trégua, a Coréia do Sul deu início a um projeto de reconstrução de moradias, onde a indústria da construção civil manteve foco na reabilitação de edificações destruídas durante a Guerra da Coréia (JEON, 2016). Para resolver o déficit habitacional provocado pela guerra, o governo iniciou um projeto de construção de moradias, as quais não adotaram o estilo *hanok*, mas sim o ocidentalizado, devido a questões financeiras e à maior disponibilidade de materiais de construção ditos modernos (JEON, 2016).

Até as décadas de 1960 e 1970, as cidades coreanas abundavam em casas *hanok*, mas estas foram rapidamente substituídas por grandes complexos de apartamentos e indústrias após este período (CHO, 2021). Esta substituição se deu devido ao expressivo crescimento econômico vivenciado pela

Coréia do Sul, o que trouxe como resultado um acelerado processo de urbanização e de industrialização e uma consequente mudança no mercado de habitação (JEON, 2016).

Neste momento ocorreu um desequilíbrio entre oferta e demanda de materiais de construção, onde enquanto a madeira era escassa, os materiais industriais, tais como tijolos e cimento, estavam disponíveis a um custo mais acessível (SOHN *et al*., 2006). Construções em *hanok* exigiam reparos contínuos que não eram compatíveis com a rotina dos trabalhadores urbanos (JEON, 2016). A memória da Guerra da Coréia incutiu o desejo de possuir uma casa forte e à prova de fogo e, para além disso, a família nuclear passou a ser habitual a partir deste momento, sendo que tamanho desta também desempenhou um papel importante na prevalência de residências ocidentalizadas (JEON, 2016). O expressivo êxodo rural provocado principalmente pela súbita industrialização da Coréia do Sul também explica o declínio da casa tradicional coreana no desenrolar da segunda metade do século XX. Devido à baixa disponibilidade de áreas edificáveis no país, inúmeros exemplares de residências em *hanok* de um ou dois pavimentos foram demolidos para dar lugar a edifícios multifamiliares que buscavam atender a rápida e contínua demanda populacional por habitação em centros urbanos (LEE, 2018).

Com este processo, edificações *hanok* estiveram à beira do desaparecimento (KWON; AHN, 2021). Todavia, em anos recentes, a tendência à primazia a extensos complexos de apartamentos passou a ser revertida à medida que o legado arquitetônico das casas tradicionais coreanas se fez repensado (CHO, 2021). Um impulso para isso corresponde ao estouro da bolha imobiliária na esteira da crise financeira asiática em 1997, o que trouxe a conscientização de que o desenvolvimento imprudente e superlotado não beneficiaria nem os proprietários de terras nem a população geral (JEON, 2020). Eventualmente, o governo metropolitano de Seul, capital do país, elaborou um plano para preservar as casas tradicionais coreanas como atrativos únicos de uma vizinhança e seguidamente a tendência de regeneração de clusters de *hanok* se espalhou para outras cidades provinciais da Coréia do Sul (JEON, 2020).

Atualmente é consenso de que do ponto de vista cultural e histórico, a preservação e proteção dos *hanoks* são essenciais para manter a herança da Coreia (KWON; AHN, 2021). Por isso, tem-se realizado esforços no âmbito local, nacional e internacional para apoiar e sustentar a vida de construções residenciais históricas (SHON, 2011). Um movimento recente se trata do reuso adaptativo das edificações tradicionais coreanas, as quais passam por reformas e são transformadas em cafés, lojas, bibliotecas e centros de atendimento à comunidade, dentre outras instalações (CHO, 2021). Esta tendência tem ganhado espaço especialmente devido à crescente onda de valorização e popularização da cultura coreana e à maior procura por edificações com identidade e individualidade, o que levou à redescoberta do *hanok* como lugar com elegância e personalidade para se usufruir (CHO, 2021).

O legado da casa em *hanok* também se encontra presente na arquitetura coreana contemporânea, em uma amálgama de tecnologias do século XXI, estilos de vida modernos e cultura

contemporânea (CHO, 2021). Um dos fatores que levam a essa renascença do *hanok* pode ser atribuído a uma maior conscientização sobre questões ambientais (JEON, 2020). A casa tradicional coreana tem como premissa a harmonia com a natureza, sendo que construções desta tipologia buscam uma integração com o ambiente natural circundante e empregam o uso de materiais naturais e técnicas menos impactantes ao meio ambiente (AHN, 2014). Desta maneira, se trata de uma construção com aspectos sustentáveis, princípio largamente buscado por arquitetos na atualidade.

A arquitetura moderna em *hanok* se faz inspirada no princípio natural do posicionamento da casa para mostrar e enquadrar a paisagem, além de se manter fiel à materialidade e às características do interior (KWON; AHN, 2021). Embora materiais industriais sejam empregados em *hanoks* modernos, há uma preferência pelo uso dos materiais tradicionais, considerados mais sustentáveis (CHO, 2021). Por exemplo, a madeira, amplamente utilizada em estruturas de construções neo tradicionais coreanas, se trata de um material natural e biodegradável e, ao mesmo tempo, resistente e relativamente leve, o que permite a instalação de janelas amplas e estrategicamente posicionadas para permitir uma boa visão da natureza envolvente (KWON; AHN, 2021).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, evidenciou-se que a arquitetura tradicional coreana não se trata exatamente de um objeto de apreciação visual, mas uma ferramenta de consciência estética que leva à unidade da natureza, dos humanos e do universo. Prioritariamente, casas em *hanok* almejavam uma harmonia com o ambiente, o clima, a geografia, a paisagem, a psicologia humana e com as relações pessoais, sendo uma arquitetura tratada como um elemento vivo natural holístico. O *hanok* busca aproveitar aquilo que o entorno natural oferece para aprimorar o habitar do homem, além de que este também pode ser entendido como uma forma de expressão na qual os coreanos mostram sua espiritualidade e conexão com o céu e a terra. Como resultado, cada região da Península Coreana apresenta casas tradicionais com aspectos diferentes, condizente com cada característica natural.

Em anos recentes, as características do *hanok* foram reexaminadas e este tipo de residência tem atraído interesse como uma alternativa a complexos de apartamentos. A sustentabilidade tem sido um fator requerido pela construção civil em tempos presentes e a arquitetura em *hanok* possui destaque nesse quesito por ter como premissa se adaptar e utilizar o entorno natural ao seu favor, bem como priorizar o uso de materiais menos prejudiciais ao meio ambiente. Além do mais, o *hanok*, com sua beleza e singularidade, representa uma identidade para a cultura coreana por refletir a história e a sociedade do país.

A casa se trata do espaço vital para o assentamento humano, sendo que sua importância e condição na vida de uma pessoa se fazem determinadas pela sociedade da sua época. Desta forma, a arquitetura em *hanok,* atualmente, passa por uma reinterpretação crítica e se encontra amalgamada ao

modo de vida do século XXI ou tem seus princípios aplicados em edificações modernas. Ademais, na contemporaneidade, o *hanok* tem sido empregado em outras finalidades para além de residência.

A arquitetura não se trata de apenas preencher o espaço com edificações, mas sim de entender o local levando em consideração sua essência social, cultural, histórica e ambiental. Cada comunidade possui seu estilo próprio de arquitetura que destaca suas principais características e culturas, além de resgatar um senso de patrimônio, o que lhes fornece uma aparência única. Estes estilos não podem ser separados da cultura em que foram desenvolvidos e resultam em uma estética regional e econômica própria. Neste contexto, o *hanok* tem muito a ensinar sobre a sensibilidade e compreensão da essência da história e da cultura coreana tradicional.

REFERÊNCIAS

AHN, Uijong. An Analysis of the Natural Characteristics of Hanok that is Beneficial to Human Factors. KIEAE Journal, Seoul, v. 14, n. 5, p. 97-102, out. 2014. Disponível em: <https://www.koreascience.or.kr/article/JAKO201433552234213.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CHO, In-Souk. An Overview of Korean Wooden Architecture. International Conference on Sustainable Building Asia. SB13 SEOUL. Seoul, Korea, 2013.

CHO, Jung-goo. Evolution Toward the Future. Koreana Magazine, Seogwipo, v. 35, n. 4, p. 14- 19, Winter, 2021.

CHOI, Sang-Hun. Interior Space and Furniture of Joseon Upper-class Houses. Seoul: Ewha Womans University Press, 2007.

HAN, Na. Environmental Ethics and Sustainable Design: A case study on the traditional Korean residential building type: Han oak. Dissertação (Mestrado em Ciências em Design de Interiores) - School of Engineering Technology, Eastern Michigan University. Ypsilanti, p. 62. 2013.

HONG, Hyung-Ock; RHEE, Kyung-Hee; KIM, Dae-Nyun. A Study of the Ecological Perspectives in Traditional Korean Homes. Journal of Korean Home Economics Association English Edition, Daejeon, v. 2, n. 1, p. 123-134, dez. 2001

KIM, Bong-Ryol. Aesthetics of Korean Architecture: the Concept of Visual Stability. Koreana Magazine, Seoul, v. 12, n. 3, p. 22- 27, Autumn, 1998.

KRZYSZTOFIK, Zuzanna. The Traditional Korean House: Hanok as a Reflection of the Family Hierarchy

KWON, Ki-bong; AHN, Hong-beom. Living in Tune With Nature. Koreana Magazine, Seogwipo, v. 35, n. 4, p. 10- 13, Winter, 2021.

JEON, Bong-Hee. A Cultural History of the Korean House. Seoul: Seoul Selection, 2016.

JEON, Bong-Hee. The Hanok Renaissance. Koreana Magazine, Seogwipo, v. 34, n. 1, p. 26- 29, Spring, 2020.

JUNG, Ji-Suk. Architecture at the Ends of the World: Korean and Western Architectural Traditions in Comparison. Dissertação (Mestrado em Artes) - Graduate School of Social Sciences, Middle East Technical University. Ankara, 298 p. 2019.

LEE, Joel. Re-Hanok-Ization. Tese (Bacharelado em Arquitetura) - Department of Architecture, Kennesaw State University. Kennesaw, p. 86. 2018.

NATIONAL HANOK CENTER. Building Hanok: components and techniques. Sejong-si: AURI, 2017.

PARK, Insook Han; CHO, Lee-Jay. Confucianism and the Korean Family. Journal of Comparative Family Studies, Toronto, v. 26, n. 1, p. 117-134, spring, 1995. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/41602370> . Acesso em 03 mai. 2024.

RESTREPO, Sebastián Toro. Hanok: Arquitectura en Armonía con la Naturaleza. Revista Mundo Asia Pacífico, Mendelín, v. 3, n. 5, p. 93-100, dez. 2014. Disponível em:

<https://repository.eafit.edu.co/bitstream/handle/10784/14849/document%20%2812%29.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em 02 fev. 2024.

SHON, Janice Jihae. Hanok Interventions. Tese (Doutorado em Arquitetura) - School of Architecture, University of Hawai‘i at Mānoa. Honolulu, p. 142. 2011.

SOHN, Sei Kwan; JUN, Nam-Il; HONG, Hyung-Ock; YANG, Sehwa. The Modernization of the Korean Housing Under the Japanese Colonial Rule. International Journal of Human Ecology, v. 7, n. 1, p. 1-12, jun. 2006.

SOUTH KOREA. Ministry of Land, Transport and Maritime Affairs. Act on value enhancement of hanok and other architectural assets. Seoul, 2014.

ZLATARITS, Bianca. Hanok: a Comparative Analysis Regarding the Cross-Cultural Occurrence of Tangible and Intangible Attributes that are Characteristic for the Traditional Korean House. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Fakultät für Architektur und Raumplanung, Technische Universität Wien, Viena, 165 p. 2018.